

Uma luta determinada para sobreviver

A primeira intervenção cirúrgica sofrida por Tancredo Neves foi iniciada às 0h30 da madrugada de sexta-feira, dia 15 de março, data marcada para posse no cargo de presidente da República.

Sua saúde, porém, já começara a preocupar seu médico particular, Renault de Mattos Ribeiro, na terça-feira, 12, dia em que o novo ministério foi anunciado. Na ocasião, o presidente queixou-se de dores na garganta e no estômago, sintomas que vinha medicando, por conta própria, desde o dia 8.

Exames de sangue realizados na terça-feira revelaram o primeiro sinal de alarma, tendo sido detectada uma taxa elevada de leucócitos (glóbulos brancos), considerada indicação segura de infecção. Chapas radiológicas feitas na quarta-feira, 13, localizaram o foco no intestino, seguindo-se o conselho médico: operação imediata. Decisão adiada por Tancredo Neves para após sua posse.

O dia 14 começou calmo, em Brasília, mas a situação do presidente passou a preocupar algumas das mais altas autoridades da Nova República. Desconhecia-se ainda a gravidade do caso, e os rumores a respeito eram tranquilizados com a informação de que Tancredo Neves recuperava-se de uma faringite e que, por isto, poderia ver-se obrigado a cancelar alguns compromissos oficiais.

A doença do presidente atingiu um ponto crítico no noite dessa mesma quinta-feira. Após o jantar, na Granja do Riacho Fundo, Tancredo Neves sentiu fortes dores no abdômen. Chamado às pressas, Mattos Ribeiro, um clínico ge-

ral alagoano, providenciou sua remoção imediata ao Hospital de Base de Brasília (HBB), onde desde a manhã do dia anterior já havia reservado o centro cirúrgico.

O Ford Landau que transportou o presidente chegou ao HBB às 22:30, ao mesmo tempo em que a notícia de sua internação começava a espalhar-se pela capital federal.

Inicialmente caracterizado como apendicite, o mal foi sendo gradualmente identificado: de peritonite (inflamação do cólio intestinal) passou-se, enfim, para "diverticulite", uma inflamação do divertículo de Meckel.

A operação, realizada em regime de urgência, durou cerca de duas horas e levou à retirada do divertículo pela equipe médica chefiada pelo cirurgião geral Francisco Pinheiro da Rocha, paraibano, ex-secretário da Saúde do Distrito Federal. Informações divulgadas pela imprensa indicam que essa bolsa se encontrava perfurada e que, nela, ter-se-ia descoberto também um tumor benigno (leiomioma).

"Não é uma doença grave e pode ocorrer em qualquer idade", chegou a dizer, na própria sexta-feira, Otávio Brasil, médico do Hospital de Base. Sua expectativa, na ocasião, era de que Tancredo Neves poderia estar "razoavelmente" recuperado num prazo de oito dias.

Logo após a operação, o presidente deixou de utilizar uma sonda nasogástrica, destinada a dar vazão a gases que porventura se acumulassem em seu intestino. Uma atitude que viria a contribuir para o agravamento de seu estado, descobriu-se posteriormente.

O clima de otimismo reinante no Hospital de Base sofreu seu primeiro golpe mais sério no domingo, dia 17, quando se suspeitou de que o paciente poderia ter contraído uma pneumonia. Na noite anterior, Tancredo Neves tossiu e vomitou muito, crise respiratória atribuída a uma insuficiência pulmonar causada por um excesso de secreção nos pulmões. O perigo de uma pneumonia foi contornado com o uso de antibióticos.

Dois dias depois, o acúmulo de gases nos intestinos de Tancredo Neves, com seu funcionamento paralisado desde domingo, levava à convocação de uma junta médica formada por nove profissionais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas.

Após examinar o doente, eles elogiaram a conduta adotada pelos seus colegas de Brasília, assegurando que o estado geral do presidente era "bom, com os sinais vitais preservados". A paralisção intestinal foi considerada normal, no caso, mas o que não se adiantou, oficialmente, era que ela tinha sido provocada por uma obstrução.

A persistência desse problema acabou levando Tancredo Neves a uma nova operação, na segunda-feira, dia 20.

Desta vez, realizada por uma equipe chefiada pelo médico Henrique Walter Pinotti, professor de cirurgia do aparelho digestivo da Universidade de São Paulo. Da equipe também participaram Francisco Pinheiro da Rocha, que o havia operado na primeira vez, e João Baptista de Rezende Alves, amigo da família Neves.

Esta segunda cirurgia durou cerca de cinco horas e desobstruiu os intestinos de Tancredo Neves, com os

médicos reacomodando no lugar uma alça intestinal formada pela passagem de parte do órgão por uma fenda na sutura da cirurgia anterior. Ter-se-ia detectado, ainda, um começo de peritonite no abdômen do paciente.

A partir daí, seguiram-se mais quatro dias de otimismo, em que boletins diários transmitiam informações indicando uma contínua melhora do operado. Suas condições, confirmavam as notícias veiculadas nos jornais, faziam realmente crer em uma rápida convalescença. "Até quarta-feira o presidente já poderá ter alta", atestava, dia 22, sexta-feira, o próprio cirurgião que o operara. "Se ele quiser", completou, "já poderá assumir a Presidência no dia seguinte."

Nos bastidores desse drama, porém, desenrolava-se o que se poderia considerar uma tragicomédia: intensificava-se uma polêmica entre as equipes médicas de São Paulo e de Brasília, que já se havia manifestado pouco tempo antes da segunda intervenção. "São falta chamar gente de São Paulo para servir o cafézinho", comentou Antônio Carlos Moretsohn, endocrinologista e vice-diretor do Hospital de Base.

Esta divergência de opiniões, segundo a revista ISTOE, teria levado inclusive os médicos brasileiros a preparar uma defesa de sua competência profissional a ser apresentada aos seus pares. Desta iniciativa tomaria parte importante o prontuário médico do paciente Tancredo Neves, com informações até hoje desconhecidas do grande público.

O presidente, informado a publicação, teria sofrido um "pequeno enfarte" em

1978, quando da disputa de sua eleição para o Senado; teria 82 anos de idade, e não 75, como informado oficialmente, e sofreria de diabetes. Três características que, se confirmadas, evidentemente teriam tido seu peso no desenrolar dos acontecimentos e no encadeamento de suas reações à doença e ao tratamento a que foi submetido.

Um pulmão "gasto pela idade avançada" e uma musculatura abdominal flácida também teriam sido descobertos no tratamento realizado em Brasília.

No dia 25, segunda-feira, verificou-se o ponto mais alto da vertente otimista iniciada no dia 20: Tancredo Neves foi fotografado no segundo andar do Hospital de Base, sentado ao lado de sua esposa, dona Risoleta, e tendo ao seu redor membros da equipe médica que o atendeu na segunda cirurgia. Ainda se previa que o presidente poderia sair do hospital rapidamente. Mas faltou dizer, na ocasião, que o paciente começara a apresentar sinais de hemorragia no abdômen.

A perda de sangue não pôde ser controlada por meio de medicamentos, e a equipe de Walter Pinotti, o cirurgião paulista que chefiou a segunda operação, decidiu remover Tancredo Neves para o Instituto do Coração, em São Paulo, órgão anexo ao Hospital das Clínicas. A iniciativa foi tomada no dia 26, terça-feira, e não contou com o apoio dos médicos responsáveis pelo início do tratamento, Francisco Pinheiro da Rocha, o cirurgião, e Renault de Mattos Ribeiro, o médico particular do presidente, em Brasília.

(Continua na página seguinte)